

Emoções fúnebres: experiências com a morte e o luto

Funeral emotions: experiences with death and grief

Emociones funerarias: experiencias con la muerte y el duelo

Sousa Júnior, L. de A. (2024). *Um luctuoso teatro de dor e desesperação: emoções fúnebres na Parahyba do Norte diante da epidemia de cólera-morbo (1854-1858)*. Paco Editorial.

■

Utilizando-se de uma belíssima metáfora, Susan Sontag (2007) afirmou que a doença é a zona noturna da vida, uma forma de cidadania mais onerosa. A autora argumentou que, ao nascermos, possuímos uma dupla cidadania: a do reino dos sãos e a do reino dos doentes. Embora, se prefira o passaporte “bom”, invariavelmente nos vemos identificados como cidadãos desse outro lugar. A doença possui uma estreita ligação com outro fenômeno de materialidade biológica: a morte. A doença, assim como a morte, ocupa esse *outro* lugar, cuja experiência transforma algo no seu outro: sua antítese e negação. Uma altera a saúde. A outra remove a vida. A doença, assim como a morte, não se reduz à sua evidência orgânica, natural e objetiva. Ao contrário,

* Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor efetivo do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. CV: <http://lattes.cnpq.br/0733769410678148>

ambas comportam sentidos e significados complexos que ultrapassam sua dimensão biológica (Herzlich, 1993). A intersecção entre ambas as experiências — a do adoecer e a do morrer —, dada a dramaticidade com que se revelam no teatro da vida humana, é atravessada pelas emoções despertadas nos seres humanos em diferentes sociedades ao longo do tempo.

É nessa sensível, imbricada, mas instigante intersecção da tríade entre doença, morte e emoções que a obra *“Um luctuoso teatro de dor e desesperação: emoções fúnebres na Paraíba do Norte diante da epidemia de cólera-morbo (1854–1858)”* de Laércio de Araújo Sousa Júnior (2024) se insere. O trabalho — que desponta pela sua originalidade na abordagem conceitual, bem como pelo volume de dados serializados, a extensa documentação compulsada e o fôlego de escrita de seu autor — é fruto da dissertação de mestrado defendida em 2023 por Laércio Júnior no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), orientada pela prestigiada historiadora Cláudia Rodrigues, uma das maiores especialistas do país em História da morte e do morrer, autora de clássicos da historiografia brasileira como *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro* (Rodrigues, 1997) e *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)* (Rodrigues, 2005). Sousa Júnior, atualmente doutorando em História no referido Programa de Pós-Graduação, é historiador formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professor efetivo de História da Prefeitura Municipal de Caruaru/PE e da Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco. Seu interesse pelo tema da morte e do morrer acompanha-o desde a graduação (Sousa Júnior, 2020), demonstrando seu amadurecimento teórico e metodológico, que ganha profundidade, densidade e originalidade em seu primeiro livro.

Laércio Júnior (2024) lida com uma doença epidêmica — a cólera — que, pela forma como se abate rápida e brutalmente sobre a vida, fornece uma excelente chave interpretativa para compreender elementos sociais, econômicos, culturais e políticos de uma determinada época e lugar. As características mais notáveis de uma doença epidêmica, como o aglomerado de vítimas, a impotência diante da morte e a exclusão dos doentes, fomentam a necessidade de explicações para a tragédia, as quais são elaboradas e significadas socialmente. Mas as epidemias não se reduzem à sua mortandade, lugar-comum em muitos trabalhos. Como o autor observa de forma perspicaz — atravessado pela angústia de quem escreveu vivendo a experiência traumática da pandemia de Covid-19 —, um contexto epidêmico provoca transformações sociais e culturais, notadamente diante da morte e do morrer. As emoções diante da morte no contexto epidêmico sofrem o efeito de permanências e rupturas. A proliferação de casos e a generalização da morte em tempos de epidemia desestruturam os rituais fúnebres próprios da *boa morte* cristã.

Partindo desses pressupostos, o livro de Laércio Júnior constitui uma pesquisa com enfoque inédito na historiografia ao procurar explorar e compreender como os reflexos da primeira epidemia de cólera na província da Paraíba transformaram as experiências cotidianas daquela sociedade em relação às emoções nos rituais e nas cerimônias fúnebres. O autor demonstra autonomia e personalidade intelectual ao propor e formular um novo conceito — o de emoções fúnebres. Na verdade, trata-se menos de um conceito rigidamente definido



em termos abstratos e mais de uma categoria analítica construída e elaborada pelo autor a partir das fontes e da problemática histórica que seu livro se propõe a resolver. Enquanto categoria analítica, emoções fúnebres serve como um conceito estruturante que atua como um instrumento para analisar, decompor, reconstituir, enfim, compreender uma realidade complexa, que avança para além da mera descrição superficial dos fatos e acontecimentos. Dito de outro modo, como categoria analítica, *emoções fúnebres* organiza uma explicação sistemática para apreender a realidade. Por meio desse conceito, Sousa Júnior (2024, p. 396) compreende “as emoções que envolvem a morte e o luto”, delimitando dessa maneira um campo específico de emoções associadas às práticas mortuárias, tais como rituais fúnebres, locais de sepultamento e as formas de experimentar o luto e a morte. As emoções fúnebres dialogam com um conjunto de rituais, práticas, palavras, gestos, comportamentos, ações e múltiplos discursos que permeiam o acontecimento fúnebre, permitindo ao historiador enquadrá-las em sua análise.

Do ponto de vista historiográfico, o conceito dialoga fortemente com o campo da História das Emoções, segundo o qual as emoções vão além de elementos psicológicos puramente individuais, devendo-se observá-las numa perspectiva entrelaçada por aspectos cognitivos, sociais, culturais e também individuais. As emoções são assim formas com as quais os seres humanos se relacionam e se expressam no e com o mundo, mediados a partir dos discursos, normas, práticas e valores (Corbin et al., 2020; Rosenwein, 2011). Por isso, as emoções fúnebres são compreendidas pelo autor como experiências emocionais construídas socialmente, cujo significado é histórica e culturalmente codificado e compartilhado, emergindo no contexto específico da morte e das experiências do luto. No contexto em tela, da epidemia de cólera-morbo na Paraíba entre 1854 e 1858, emoções¹ como medo, angústia, pavor, desespero, melancolia, entre outras, não surgem de forma natural ou espontânea nos indivíduos, mas são representadas e estruturadas coletivamente, embora possam ser expressas individualmente, pois como afirma o autor cada um desenvolve suas estratégias para se proteger das ameaçadoras emoções da morte. No entanto, “o sentimento de cada um diante do luto transborda para o grupo, cimentando a unidade” (2024, p. 333). Munido do conceito de emoções fúnebres, Laércio Júnior não busca acessar uma essência emocional individual, e sim identificar a existência de um “código afetivo, que rege as expressões e estratifica as emoções, permitindo ou proibindo a vivência subjetiva delas em determinadas condições” (p. 48).

Laércio Júnior afirma que o objetivo do historiador das emoções deve ser “compreender como as emoções são encaixadas em contextos sociais e culturais” (p. 49). E as emoções, assim como as doenças e a morte, são práticas socioculturais historicamente construídas, pois, como afirmado por Rosenwein (2023), as emoções mudam com o tempo e são tanto moldadas quanto moldam processos históricos. Por isso, o conceito de emoções fúnebres assume o papel de *leitmotiv* da obra, atravessando de forma coerente todo o corpo do texto,

¹ É importante salientar a historicização que Laércio Júnior faz da palavra “emoção”, demonstrando que a própria linguagem é transitória e histórica, com sentidos variando conforme a época e o lugar. Desta feita, o autor realiza uma instigante análise etimológica do termo, desvelando o que ele significava e quais sentidos mobilizava quando utilizado pela sociedade do Brasil oitocentista.



crescendo e se desenvolvendo na medida em que o autor revela como a epidemia de cólera na província da Paraíba, com toda a sua dramaticidade, provocou uma crise nas emoções fúnebres causada pela desagregação dos rituais funerários prescritos pelo cristianismo e, como consequência, desencadeou mudanças como nos locais de sepultamento, refletiu a ausência de rituais fúnebres para os coléricos e transformou profundamente as cerimônias fúnebres, impactando de forma duradoura a experiência do luto traumático da morte epidêmica pela cólera entre os paraibanos.

O autor, inspirado nas ideias de Charles Rosenberg (1992) – para quem as epidemias, como um fenômeno social, assumem uma forma dramaturgica, desenrolando-se como atos de uma peça teatral –, constrói e organiza a narrativa histórica do seu livro pensando na primeira epidemia de cólera-morbo na Paraíba, tendo em vista os quatro atos propostos por Rosenberg. *Um luctuoso teatro de dor e desesperação* encontra-se disposto em quatro capítulos que correspondem aos quatro atos teatrais dos eventos epidêmicos. Pensado e escrito com uma estrutura de teatralidade, o texto de Laércio Júnior não somente contribui para a fluidez da leitura, como leva o leitor a imergir na obra e nas ideias do seu autor ao acompanhar toda a tragicidade com que a epidemia se manifestou. As divisórias dos capítulos contam com gravuras e litografias que ilustram e dialogam com sua narrativa, apresentadas por um prólogo, no qual o autor trava um instigante debate historiográfico com seus pares para formular seu problema de pesquisa, e um epílogo que conclui a obra. A edição da Paco Editorial conta ainda com prefácio de Cláudia Rodrigues (UNIRIO), texto de orelha de livro escrito por Serioja Mariano (UFPB) e apresentação de contracapa assinada por Jucieldo Ferreira Alexandre (UFCA).

No primeiro capítulo do livro, que corresponde ao primeiro ato das epidemias – a progressiva revelação da doença –, Laércio Sousa Júnior dedica-se tenazmente a apresentar o cenário desolador provocado pela cólera. Na primeira parte, ele usa como fio condutor a belíssima e sensível obra *Impressões da Epidemia* (1856) do paraibano Antônio da Cruz Cordeiro, então acadêmico de medicina na Bahia, para problematizar e apresentar aos seus leitores o cenário de pranto e atmosfera de uma sociedade enlutada pela cólera.² A obra e a figura de Cruz Cordeiro, enquanto testemunha sensível das emoções gestadas pela morte e pelo luto durante a epidemia, são centrais para a análise, atravessando todo o livro. Inspirado em *Por uma história sensível da morte e dos mortos* de Cícero Joaquim dos Santos (2018), Laércio Júnior constrói e operacionaliza o conceito de emoções fúnebres desenvolvido na obra, envolvendo o leitor num instigante debate historiográfico sobre as emoções. Na sequência, apresenta a cidade da Parahyba do Norte no contexto de formação do aparato político-administrativo imperial brasileiro. Um dos méritos do livro é o cuidado que o seu autor tem em situar, comparativamente, o que ocorria em outras províncias do império. Na segunda parte do capítulo, Laércio Júnior caracteriza a etiologia, transmissão, sintomatologia e quadro físico da cólera, conforme o conhecimento médico da época. Em seguida, ele traça o percurso global da cólera, tida pelo autor como a doença por excelência do século XIX, desde sua emergência na Índia, então parte do Império britânico, acompanhando sua funesta

² Cordeiro, A. da C. (1856). *Impressões da epidemia*. Typ. de Camillo de Lellis Masson & C.



passagem até aportar na América e, mais particularmente, no Brasil. A chegada da epidemia em território nacional é discutida minuciosamente por Laércio Júnior em cada província. A opção analítica feita pelo autor, numa evidente abordagem de História Conectada, buscando entender as conexões da cólera entre diferentes regiões do planeta e do Império brasileiro, supera abordagens comumente vistas em História das Doenças, demasiado centradas na realidade local, sem situar o contexto maior no qual se insere.

O capítulo seguinte corresponde ao segundo ato: o gerenciamento da aleatoriedade. Aqui, Laércio Júnior buscou entender como se operou a construção de uma base explicativa para lidar com a crise epidêmica. O autor trata de analisar como a medicina oficial se organizou diante da cólera. Assim procedendo, o livro faz um levantamento das teses defendidas nas faculdades de medicina do Brasil oitocentista, mostrando como os escritos sobre a cólera elaborados por médicos brasileiros buscavam uma compreensão racional do fenômeno na tentativa de controlar a vulnerabilidade ao caos epidêmico. Foram elaborados sistemas explicativos assentados nos paradigmas da época para a disseminação da moléstia, nos quais se entrecruzavam fatores meteorológicos, astrológicos, atmosféricos, de salubridade, predisposição, desordem, entre outros. Uma vez tendo explicado a base na qual se assentava o conhecimento médico da cólera, Laércio Júnior empreende um mapeamento cuidadoso dos médicos e outros profissionais da saúde que atuaram na Paraíba para debelar a epidemia, discutindo o papel que os médicos desempenharam naquele contexto. Na segunda parte do capítulo, o autor se dedica a uma análise rica e detalhada da trajetória do médico Antônio da Cruz Cordeiro, figura de suma importância para a história da cólera não somente na Paraíba, mas no Brasil, dada a relevância dos seus escritos sobre a epidemia. Laércio Júnior não se resume a realizar uma exposição laudatória do seu interlocutor biografado, mas consegue alinhar de maneira crítica os interesses políticos e as relações de poder que permearam a atuação dessa eminente figura da medicina paraibana. O Dr. Cruz Cordeiro merecia uma análise histórica com a densidade e a profundidade que Laércio Júnior lhe conferiu.

O terceiro capítulo analisa a chegada e os impactos da epidemia de cólera na província da Paraíba. A escolha por este recorte espacial/geográfico não é corriqueira nem aleatória. Ora, a província da Paraíba, no cenário do império brasileiro, foi aquela que apresentou o maior percentual de óbitos em relação à sua população durante a primeira epidemia de cólera. Foram aproximadamente 25.390 óbitos numa população de cerca de 209.300 habitantes, o que correspondia a 12% das mortes por cólera. Para o leitor poder ter ideia, somente em 1913 a população da capital paraibana foi estimada em 25 mil pessoas. O impacto demográfico da epidemia foi significativo. E não menos significativo foi o efeito duradouro nos hábitos, discursos, práticas e emoções diante da morte. Trocaram-se os folgares pelo pranto. Nesse capítulo, Laércio Júnior explora o terceiro ato dramático de uma epidemia: a negociação de uma resposta pública para a desorganização social provocada pela doença. O autor explora como a medicina profissional se organizou para debelar o mal e a maneira pela qual as autoridades públicas e religiosas tentaram responder à doença. De um lado, as tentativas de oferecer socorros públicos, construir cemitérios, gerenciar os víveres, transportar e sepultar cadáveres. Por outro lado, os esforços pela realização de procissões e penitências, pela ministração dos



sacramentos religiosos e pela proibição das dobras dos sinos, que afugentavam os corações dos vivos.

Com uma riqueza de detalhes, o livro percorre municípios, freguesias, vilas, povoados, enfim, palmo a palmo das terras — e das águas — percorridas pela cólera, ricamente ilustrada em mapas. O autor trata todas as localidades com igual zelo e diligência, do litoral ao sertão da província, revelando histórias e personagens que trazem vida à obra, apesar de, mas justamente por isso, falar de morte. O elemento geográfico é um fator importantíssimo na obra, uma vez que, transmitida pela água contaminada, a cólera se dissemina justamente nas fontes de consumo da população. Assim, Laércio Júnior traça um percurso pelos rios e bacias hidrográficas que transporta o leitor em uma viagem pela Paraíba oitocentista através da pena de um historiador erudito e já bastante experimentado. Ele comprova como, devido aos fatores geográficos, nos exemplos opostos de Teixeira e Pilar, o sertão foi mais preservado pela moléstia, enquanto nas regiões mais úmidas, densamente povoadas e próximas dos rios perenes, a população pereceu mais.

Por fim, no último capítulo, o autor explora o quarto ato: a decantação e a retrospectiva. A partir das experiências de diversas famílias encontradas na documentação paroquial dos assentamentos de óbitos das freguesias do Pilar e de São João do Cariri, coligidas e serializadas pelo autor, o livro trabalha a maneira como a epidemia ceifou rapidamente muitas pessoas de um mesmo núcleo familiar e, às vezes, famílias inteiras. Por meio de uma detalhada análise de gráficos, mapas e tabelas, Laércio Júnior percorre essas experiências familiares para demonstrar como a epidemia alterou as emoções fúnebres experimentadas por essas pessoas, refletidas na mudança nos rituais de sepultamento e na transferência dos enterramentos das igrejas para os cemitérios construídos às pressas. Diversas pessoas, especialmente as mais pobres e as escravizadas, muito mais expostas à contaminação devido às condições de vida que lhes eram impostas, foram enterradas no mato, nas margens dos rios, alterando profundamente os ritos de uma boa morte cristã, sem direito aos preparativos para o velório e aos sacramentos de encomendação do corpo e da alma do moribundo. Ocorreram diversos casos, notadamente na Freguesia do Pilar, que registrou a maior mortandade da província, de autoridades públicas, médicos e dos párocos locais que abandonaram seus deveres na cidade para se refugiar da cólera. Ancorado na metodologia de análise proposta por Claudia Rodrigues (2022), o autor serializou dados e cruzou fontes para identificar o período epidêmico da cólera na Paraíba que, no seu auge, durante a 11ª semana de epidemia, vitimou 158 pessoas, entre 5 e 11 de março de 1856.³ Com a desorganização social provocada pela doença, que desestruturava as relações sociais e precipitava a morte, a cólera desordenava também a experiência do morrer. Além do abandono dos rituais fúnebres, devido ao volume de mortes em pouco tempo e ao medo

³ O método em questão refere-se à organização de um Banco de Dados a partir da serialização de dados amostrais dos registros paroquiais de óbitos de quatro freguesias da província paraibana: Pilar, São João do Cariri, Cuité e Teixeira. Após definir os marcos inicial e final da epidemia, o autor agrupou os registros por intervalos semanais e calculou a média de óbitos de cada semana, dividindo o quantitativo pelo intervalo de dias. Na sequência, identificou o período com maior concentração de falecimentos, considerado o pico da epidemia. É importante salientar que por meio dos dados coligidos pelo autor e pelo cruzamento de fontes, sua amostragem evidencia a convergência das informações fornecidas pelos relatórios de presidente de província, corroborando assim suas conclusões.

do contágio que dificultavam o amparo prestado aos mortos e moribundos, o livro comprova que naquelas localidades da província com maior mortalidade provocada pela cólera, os sepultamentos foram transferidos da igreja para o cemitério, como Pilar, enquanto locais menos afetados, como Teixeira no sertão paraibano, permaneceram realizando enterramentos na igreja.

Apesar dos méritos do trabalho, a pesquisa de Laércio Sousa Júnior apresenta um limite quanto à abordagem qualitativa baseada nas fontes, notadamente discursos sobre a epidemia, que evidenciam um problema crônico de nossa área de estudos, qual seja, a dificuldade de acessar a experiência afetiva para além de suas representações. Isso acaba implicando o risco de tomar enunciados retóricos e/ou normativos como evidência direta das vivências emocionais no passado, embora no corpo do texto, o próprio autor reconheça esse problema, indicando que empreender a tentativa de reconstituição dos comportamentos afetivos no tempo depende da mediação das fontes, assim como de seus contextos de produção.

Na província da Paraíba, o impacto emocional da epidemia de cólera foi duradouro, povoando de dor e luto o imaginário e a memória social sobre o triste ano de 1856 até as primeiras décadas do século XX. O livro de Laércio Júnior captura com rigor e maestria as emoções fúnebres gestadas por ocasião da epidemia. *Um luctuoso teatro de dor e desesperação* constitui uma contribuição original e expressiva para a historiografia das emoções, da morte e das doenças, articulando fontes e conceitos que foram capazes de revelar a historicidade dos afetos diante da terrível epidemia de cólera que desencadeou uma grave crise e desarticulou a saúde pública. Laércio Júnior fornece ainda um novo e rico aparato conceitual com o qual outros pesquisadores podem operar na análise de diferentes contextos históricos, uma vez que o estudo das emoções correlatas à morte e ao luto podem ser estendidas a outras experiências e doenças – penso aqui, particularmente na sífilis e na tuberculose, e também na aids –, e não somente por ocasião de uma epidemia, mas também a outras situações que evocam emoções como a morte de líderes políticos, os desastres e catástrofes naturais, as tragédias e acidentes, o suicídio. Em síntese, o livro fornece um exemplo que demonstra a importância de inserir a dimensão emocional e afetiva como elemento central da investigação histórica e da operação historiográfica.

Referências Bibliográficas

Corbin, A., Courtine, J.-J. & Vigarello, G. (Org.). (2020). *História das emoções: do final do século XIX até hoje*. Vozes.

Herzlich, C. (1993). *Os encargos da morte* (Série Estudos em Saúde Coletiva, No. 52). IMS/UERJ.

Rodrigues, C. (1997). *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Secretaria Municipal de Cultura.

Rodrigues, C. (2005). *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Arquivo Nacional.



Rodrigues, C. (2022). *"Tudo se proibia, só a morte não era proibida!!": as restrições às encomendações de cadáveres durante a epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro (1848–1851)*. Andes.

Rosenberg, C. (1992). What is an epidemic? AIDS in historical perspective. In C. Rosenberg. *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine* (pp- 178–192). Cambridge University Press.

Rosenwein, B. (2011). *História das emoções: problemas e métodos*. Letra e Voz.

Rosenwein, B. (2023). Como praticar a história das emoções. *Brathair: Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, 23 (1), 5-26.

Santos, C. J. (2018). Por uma história sensível da morte e dos mortos. In M. Melo et al. *Ars moriendi, a morte e a morte de si: representações da morte real e simbólica sob o foco da interdisciplinaridade* (pp-13-30). Alexa Cultural.

Sontag, S. (2007). *Doença como metáfora; AIDS e suas metáforas*. Companhia das Letras.

Sousa Júnior, L. de A. (2020). *Os mortos, a morte e o morrer em tempos de epidemia*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba].

Submetido em: 5 de abril de 2026

Aprovado em: 25 de maio de 2026

